

(INTER)AÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR E ARTE: O TEATRO DO OPRIMIDO COMO MÉTODO DE TRANSFORMAÇÃO

Ricard José Bezerra da Silva¹
Leonardo Farias de Arruda²
Débora Simone Araújo Wanderley³
Thiago dos Santos Souza⁴

RESUMO: A educação popular foi inicialmente pensada por Paulo Freire com o objetivo de possibilitar reflexões e transformações da realidade do aluno através do desenvolvimento do pensamento crítico e da participação social. Essa concepção vem se desenvolvendo sobre essa base desde então, e, tendo isso em vista, esse trabalho tem o intuito de contribuir com novas práticas em educação popular através da reflexão sobre as práticas do Teatro do Oprimido nesse sentido por meio de uma pesquisa bibliográfica do tipo desenho descritivo e exploratório, comparando-se as produções encontradas com as propostas de Augusto Boal e Paulo Freire. Desse modo, observou-se que as produções apontam para a importância da correlação entre arte e educação popular como ferramenta para fomentar as ações sociais locais e o enfrentamento de modelos hegemônicos opressores dessas realidades. Conclui-se que a Educação Popular e a arte, quando associadas, se tornam meios essenciais para que o povo possa se apropriar da sua própria realidade e agir sobre ela, tomando lugar de protagonismo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular; Arte; Teatro do Oprimido.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, a partir das proposições concernentes ao entrelaçamento da Educação Popular e Arte, serão discutidas novas práticas que permeiam esta relação, as quais serão elucidadas a partir da teoria-metodologia do Teatro do Oprimido. A temática suscitada decorreu da compreensão dos autores de que a utilização de recursos artísticos potencializa novas formas de expressões – comunicativa ou corporal –, além de abranger possibilidades no desenvolvimento de processos educativos divergentes das formas hegemônicas presentes na sociedade atual, como preconiza a Educação Popular.

Nesse sentido, a Educação Popular desenvolvida, a *priori*, por Paulo Freire, propunha a alfabetização de adultos, a fim de fomentar e fornecer a possibilidade de uma relação pedagógica com esses sujeitos e com os grupos envolvidos, traduzindo em participação popular.

¹ Mestrando em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba, ricard.bezerra@gmail.com;

² Graduando em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, nado.lfa@gmail.com;

³ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, deboraa.wanderley@gmail.com;

⁴ Psicólogo pela Fundação Hermínio Ometto - São Paulo, santosthiago313@gmail.com.

Assim, o incentivo à coletividade no aprendizado e à compreensão sobre a realidade promove formas de desenvolvimento de uma análise crítica sobre ela, possibilitando a gênese de métodos e estratégias no enfrentamento dos processos sociais de desigualdade. Para tanto, Educação Popular preconiza que as transformações sociais estão diretamente vinculadas à participação social (FREIRE, 1987).

Como afirmam Álvaro e Garrido (2011), a proposta da Educação Popular, criada por Paulo Freire, ofertou a possibilidade de um diálogo entre os saberes científico e popular, se propondo a ser uma teoria política-pedagógica, coletiva e emancipatória. Através dessas características, a concepção da Educação Popular se relaciona com uma prática libertadora, considerando o conhecimento popular, (re)conhecendo os sujeitos como atuantes e ativos nesse processo, e tornando-os capazes de transformar as realidades nas quais estão inseridos.

Não obstante, a prática sugerida pela Educação Popular objetiva a criação e fomento de trocas entre os saberes, como já afirmado anteriormente. Para além disso, a realidade da comunidade é questionada e problematizada pelos seus próprios integrantes, reforçados pelos laços afetivos e de pertencimento (AMTHAUER, 2017). Quem mais conheceria a realidade social comunitária que seus próprios integrantes? Ao responder essa pergunta, fica elucidada a importância da participação dos sujeitos coletivamente de tal maneira que estimule a autonomia e que, a partir desses métodos, estes tornem-se capazes de (re)transformar seus contextos (WEYH, DUARTE, SILVA, 2010; VELÔSO, ANDRADE, 2015).

A Educação Popular é uma gênese de metodologias e práticas que almejam o processo de conscientização dos sujeitos, e em decorrência espera-se que haja apropriação e compreensão dos sujeitos acerca da promoção de ações que fecundem posicionamentos críticos sob a ótica de novas ordens sociais, equitativas, justas e igualitárias (OLIVEIRA *et al.*, 2008). Logo, este posicionamento crítico reflete uma gama de aspectos que permeiam práticas de opressão a esses sujeitos, corriqueiramente naturalizadas na sociedade capitalista atual, entretanto, a partir da compreensão de tais fenômenos, ocorre um estímulo a mudanças significativas da/para a comunidade. Como afirma Freire (1987), “a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo” (FREIRE, 1987, p. 26).

No tocante a arte, quando utilizada como ferramenta de transformações sociais, promove a descoberta de si, a descoberta do grupo e de suas possibilidades e potencialidades,

reverberados em autonomia para atuar nas relações sociais (BUELAU, 2012). Como explicita Trevisan (2011), a identificação entre a arte e a cultura é imprescindível no social, visto que o reconhecimento do que é gerado pode se expresso através de recursos artísticos. Logo, quando se utiliza de recursos artísticos, o resultado não necessita ser algo relevante, o que se deve dar reconhecimento é ao processo de implicação dos sujeitos, os quais serão expressos nas multivariadas esferas subjetivas (DIONÍSIO, YASUI. 2012).

Assim, no processo artístico, a Educação Popular concomitante à arte, interação e propõem possibilidades para a transformação e potencialidades de posicionamentos críticos acerca da realidade, através de outras formas de linguagem, teatro, dança, música, desenho, entre outros (PEIXOTO FILHO, MARQUES, 2012; TREVISAN, 2011).

Neste texto, optou-se por recorrer aos recursos artísticos, jogos e exercícios do aporte teórico-metodológico do Teatro do Oprimido, desenvolvido pelo teatrólogo Augusto Boal (2015). Segundo o referido autor, nossos pensamentos, afetos e subjetividades estão além do discurso falado, mas também utilizamos o corpo como forma de comunicação e expressão do que sentimos. Nesse sentido, no cotidiano, os corpos passam a ser mecanizados e oprimidos, conseqüentemente nossos sentidos passam despercebidos e reprimidos, por práticas hegemônicas sócio-histórico-cultural. Sendo assim, este autor nos convida a práticas de jogos e exercícios que objetivem desmecanizar os corpos através de um vasto repertório de métodos e estratégias.

Para contribuir com novas práticas de Educação Popular em consonância com recursos artísticos, optou-se por realizar um levantamento bibliográfico, enfatizando artigos, capítulos de livros, resenhas, entre outros materiais acadêmicos, que viabilizasse a relação já explicitada com os métodos do Teatro do Oprimido. Espera-se contribuir para o fomento de novas práticas que se utilizem da arte para compreender e abarcar os inúmeros processos, métodos e estratégias preconizadas pela Educação Popular no anseio de uma sociedade mais justa, equitativa e igualitária.

METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa, elegeu-se o desenho descritivo e exploratório, visando um levantamento bibliográfico e, ao mesmo tempo, tornando o tema mais familiar à população acadêmica de um modo geral (GIL, 2017). Essa percepção auxilia diretamente na construção do conhecimento a partir de produções já realizadas, correlacionando dados e sentidos que

podem ter sido construídos concomitantemente e sem uma relação expressa. Essa prática de pesquisa permite uma aplicação direta na construção do conhecimento nos campos da saúde e da educação.

Os estudos acerca da Educação Popular tornam-se importantes e necessário em tempos como os atuais e, desde a construção dessa metodologia, compreende-se que ela é fundamental na sistematização de ferramentas empíricas em uma relação dialógica com o conhecimento formal. Revisar a literatura acerca desse tema é uma estratégia fundamental para auxiliar pesquisas futuras que utilizam os processos de Educação Popular para explicar, compreender e modificar a realidade. Utilizar-se-á, principalmente os referenciais de Augusto Boal e Paulo Freire para análise das metodologias e das ações que podem modificar a realidade, utilizando a conscientização como conceito preponderante dessa apreciação.

Essa revisão de literatura baseia-se na investigação dos pontos comuns que existem em teorias que podem se complementar, promovendo inovações no campo da educação, da saúde e da Educação em Saúde. A ampliação desses conceitos permite revisar a literatura com um olhar diferenciado, encontrando possibilidades novas e fornecendo possíveis relações que aumentam o caráter científico das obras visitadas. É necessário enfatizar que os processos de compreensão e análise da literatura, vinculam-se diretamente com o que Paulo Freire (1987), elucida em *Pedagogia do Oprimido*, de que a realidade não deve ser adequada à teoria, mas o contrário.

Identificar características que aproximam as teorias de Augusto Boal e Paulo Freire permite uma leitura da realidade mais fidedigna, considerando as construções subjetivas e coletivas. Por isso, a revisão dessa literatura, se baseou na análise das obras de ambos autores, buscando encontrar evidências que contribuam efetivamente com a sofisticação das ferramentas utilizadas nos campos da Saúde e da Educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação Popular, possibilita um diferencial na compreensão da realidade de uma comunidade, quando se desenvolve possibilidades de estabelecimento de uma prática dialógica com a realidade local (FREIRE, 1987). As críticas pertinentes aos questionamentos e dúvidas se perpetuam e corriqueiramente permanecem sem respostas atreladas a novas formas de apreensão do mundo. Segundo o referido autor, a educação se desenvolve em coletivo, com relações horizontais e troca de saberes de forma transversal entre educadores e educandos.

Desde modo, a prática pedagógica é práxis, ação-reflexão-ação sobre o mundo, articulada, portanto, num processo de análise crítica com objetivo de transformação da realidade social, no sentido da superação da situação de opressão (MARQUES, 2012).

Como afirma Streck (2006), os aspectos voltados para educação popular são voltados para transformações social, fortalecendo o movimento e reflexões críticas, possibilitando transformações e potencializando modificações sociais. Transgredir ao que é hegemônico, torna-se uma tarefa árdua frente aos estímulos do sistema capitalista, reforçando e criando desejos e subjetividades. Em contrapartida, Machado, Cavalcanti e Soares (2017), reforçam que é possível evidenciar a produção de resistências e novas práticas, que vão de encontro a esta lógica.

Compreendemos que a Educação Popular reafirma um posicionamento crítico, ético e dialógico (MACHADO, CAVALCANTI e SOARES, 2017). Disto isto, como afirma Castro e Dudalski (2015), no processo de aprendizagem e de consciência, serão múltiplas as formas de construção do saber, levando em consideração a realidade, social, histórica e econômica, preconizados pelas diversas experiências de vida dos participantes. Cada sujeito pode contribuir à sua maneira a partir de construções do seu próprio conhecimento, com liberdade, com autonomia e com a possibilidade de que cada um construa o seu caminho, preceitos do Teatro do Oprimido em diálogo com a educação popular (ALOCHIO, 2016).

Segundo Gerhardt e Frantz (2019), no desenvolver da prática da educação popular, o grupo promove um entrelaçamento e constituições coletivas, fortalecendo laços afetivos, através de um processo de fomentar vínculos sociais, culturais e grupais, a partir da própria realidade, na quebra de estigmas ratificados pela individualidade. Sendo assim, a discussão entorno da arte discutidas neste texto, propõe estimular a consciência crítica, o protagonismo social, tendo como base os métodos conferidos ao processo de Educação Popular em consonância a recursos artísticos.

Ao utilizarmos a arte como ferramenta, entendemos que o trabalho final é pouco relevante e o que se deve levar em consideração é o trabalho processual e não o produto em si (DIONISIO, YASUI, 2012). Para muito além de um processo terapêutico, a arte utilizada como ferramenta de transformação social, promove a descoberta de si, a descoberta do grupo e de suas potencialidades, de sua autonomia e de sua ousadia para agir na delicadeza do respeito ao outro (BUELAU, 2012).

De acordo com Trevisan (2011), é essencial uma identificação entre a arte e cultura presente no social, a fim da construção e valorização do que é desenvolvido, pois arte em si é permeada de conhecimento. Desta forma, a utilização de recursos artísticos, aqui orientados pelo método do Teatro do Oprimido, a qual sugere o desenvolvimento de práticas que possibilitam novas formas de expressão, além de potencializar a ocupação de um papel ativo nessa construção, protagonizando mudanças necessárias e gerando alternativas para opressões cotidianas (BOAL, 2015).

Nesse sentido, como sugere Boal (2015), um recurso que pode ser utilizado como ferramenta de práxis é o Teatro Fórum, que possibilita um processo transformador como a construção de cenas, dos personagens, do roteiro, das falas, entre outros. Essa modalidade é concretizada e atravessada pela realidade social, revelando interpretações e visões dos participantes sobre as relações sociais, culturais, políticas e econômicas, nas quais estão inseridos, reverberado em desejo de transformação. Logo, nesse processo, a educação popular em comum aos recursos artísticos, interagem para a transformação e potencialização de posicionamentos críticos acerca da realidade (PEIXOTO FILHO, MARQUES, 2012; TREVISAN, 2011).

Boal (2015), afirma que através das intervenções em grupos conseguimos nos desfazer de mecanizações e, com o outro, reestruturaremos de maneiras diferentes nossa própria maneira de ser e de agir. O Teatro do Oprimido e a Educação Popular se desenvolvem como ferramentas imprescindíveis, associados a posicionamentos contra hegemônicos do sistema capitalista, na forma de diálogos abertos nas práticas de educação popular com o objetivo de reconhecer, compreender e aproximar a realidade desta população. Além disso, essas práticas viabilizam a valorização de histórias, conhecimento e cultura no processo de tramitação de conhecimento, horizontalizando-as, repercutindo em processos de apropriação, criação e transformação social, refletidas em ações visíveis frente a relações de opressão social (PEIXOTO FILHO; MARQUES, 2012).

Essa metodologia lúdica, política, estética, artística e teatral, que abarca processos simbólicos e sensíveis de conhecimento, integrando razão e emoção de modo indissociável, é compreendida por Marques (2012) como mais um elemento favorável ao Teatro do Oprimido e condizente com a Educação Popular por ampliar os meios de expressão e compreensão da realidade na busca pela construção de um mundo mais solidário e justo. Desta forma, Andrade e Veloso (2015) afirmam que ao realizar intervenções utilizando a arte como ferramenta, o ato terapêutico deve se centrar em produzir autonomia, desconstruindo as relações de tutela e o

lugar de objeto transformando o participante das intervenções em um sujeito que promova transformações.

Enfatizar as dificuldades em romper com significados e sentidos imbricados faz-se necessário diante da realidade que permeia as relações e os interesses sociais, preconizados por posicionamentos cristalizados e perpetuados sócio histórico e culturalmente. O que é realizado através da arte, permite ressignificar tais aspectos, torna-os capaz de desconstruir e reconstruir o que está posto. Assim, valorizar saberes populares é caminhar contra uma lógica capitalista, desta forma, a Educação Popular pode ser um veículo para que essa transformação da realidade social se efetue, por meio da participação popular, que desemboque na constituição de uma sociedade equitativa, justa e humanizada (PEREIRA e PEREIRA, 2010).

Ferramentas artísticas possibilitam a ressignificação de sentimentos e a transformação de relações e vínculos comunitários, assim, os encontros proporcionados pelo Teatro do Oprimido movimentam afetos que perpassam por esse grupo, dessa forma, pode-se configurar novos olhares, uma outra leitura acerca daquela temporalidade, pelos quais pode-se tecer novos caminhos sócio-afetivos no território subjetivo. A estimulação artística deve ser compreendida pelas reações de afeto e sentimentos, fomentando o gozo e a constituição subjetiva dos participantes. Tais fatos se dão a partir da prática dialógica preconizada pela educação popular, nas quais não deve haver imposição de saber, mas uma gama de saberes que se intercalam, gerando novos saberes (MACHADO, CAVALCANTI e SOARES, 2017; TREVISAN, 2011).

A arte como ferramenta metodológica não simplesmente provoca emoções, mas as transforma, e essa transformação não se restringe apenas aos aspectos emocionais. Logo, “a obra de arte, por sua estrutura específica, pode trazer nova organização psíquica ao indivíduo, considerando que oportuniza a vivência indireta de emoções, sentimentos e relações sociais” (BARROCO, SUPERTI, 2014, p. 30, 31). Permeados pela cultura, a educação popular demonstra características que integram saberes, atuais e passados, transmitido pelo social que fecunda e dialoga com a cultura popular, (re)estabelecendo nova vivências (SANTOS, LAGE, 2019). A Educação Popular necessita, portanto, ser reconhecida como um importante construtor das relações entre os movimentos sociais e a população, corroborando aos processos de tomada de consciência crítica, individual e grupal, preconizando processos de criação cultural e autonomia.

CONCLUSÃO

Destarte, é fundamental destacar que as interações entre os processos de Educação Popular e os movimentos de arte possuem uma essencial importância na mudança das realidades. Esses conceitos fornecem estratégias e ferramentas que auxiliam profissionais de diversas áreas, mas a condição *sine qua non* da complementaridade entre Educação Popular e Arte é a participação ativa e conscientização da população e/ou grupos sociais focos de atuação.

Ademais, revisitar a obra de autores como Paulo Freire e Augusto Boal é um passo decisivo na construção de estratégias que consideram a realidade como ponto de partida para os processos de mudança social. Esses teóricos fornecem uma base consistente na construção de projetos, artigos e novas possibilidades de atuação. Nesse sentido, consideramos que esses autores são essenciais quando se fala de processos de Educação Popular e conscientização.

Deste modo, enfatiza-se aqui o lugar primordial que o percurso de mudança possui, muito mais que os objetivos finais, a construção do caminho torna-se o eixo principal dos processos de transformação social. O percurso que a Educação Popular e a arte traçam é uma forma, também, de resistir às iniquidades sociais, a fim de combater injustiças e criar uma esfera social mais justa. Esse ponto crucial das interações entre Educação Popular e arte utiliza a cultura e a realidade para promover uma existência autônoma e pautada nas demandas sociais de um determinado grupo ou população.

Por fim, o momento político que o Brasil passa, repleto de arbitrariedades, é um terreno fértil para o crescimento de injustiças e de processos de desigualdades, mas não apenas isso, oferece ainda o sentimento necessário para a conscientização. A arte e a Educação Popular utilizam a cultura, a consciência e a realidade – com suas demandas – para o processo de transformação, definindo que as mudanças sociais tornam-se, portanto, mais sólidas e consistentes. Assim, é possível inferir que o ponto de partida das mudanças é o povo, e que elas ocorrem para o povo e são do povo, assim como as obras de Paulo Freire e Augusto Boal.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas**. McGrwaHill: São Paulo, 2007.

AMTHAUER, C. A educação popular e a fusão dos diferentes saberes nas práticas educativas em saúde. **Rev. enferm UFPE on line**. v. 11 (Supl.1), p.438-441, 2017.

ANDRADE, L. A; VELÔSO, T. M. G. Arte e saúde mental: uma experiência com a metodologia participativa da Educação Popular. **Pesquisas e Práticas psicossociais**, v.10, n.1, p. 79- 87, 2015.

BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 22-31, janeiro-abril de 2014.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BUELAU, R. M. Ensaio de delicadeza e ousadia: uma experiência com o corpo na saúde mental. In.: AMARANTE, P. D. C.; CAMPOS, F. N. (Org.) **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, p. 126-139, 2012.

CASTRO, I. C.; DUDALSKI, S. S. CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE E AUGUSTO BOAL NO TRABALHO COM O TEATRO EM UMA REDE PROTETIVA ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA. **Revista Linguagem**, v. 23, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/69/106>> Acesso em: 24 de jul. de 2019.

DIONISIO, G. H; YASUI, S. Oficinas expressivas, estética e invenção. In. AMARANTE, P.; NOCAM, F. (Org). **Saúde Mental e Arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodini, p. 53- 65, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

GERHARDT, M. C.; FRANTZ, W. Educação popular e movimentos sociais. **Revista de Educação Popular**, v. 18, n. 1, p. 92-104, 13 jun. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/46367/26151>> Acesso em: 18 de jul. de 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa** (6ª ed.). São Paulo: Atlas, 2017.

MACHADO, A. M. B.; CAVALCANTI, T. A. S.; SOARES, V. S. O estado da arte sobre educação popular na pós-graduação paraibana: serviço social e educação (1980- 2016). **Revista Temas em Educação, João Pessoa**, v.26, n. 2, p. 120-144, jun.-dez. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/download/33613/20276>> Acesso em: 24 de jul. de 2019.

MARQUES, S. **Sistematização da Metodologia**: Exploração do Acervo. Prefeitura Municipal de Catolé do Rocha-Pb, Biblioteca Municipal Augusto dos Anjos, Projeto Geraldo Maciel (Barreto).

PEREIRA, D. F. F.; PEREIRA, E. T. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 10, n. 40, p. 72-89, 2010.

PEIXOTO FILHO, J. P.; MARQUES, E. M. D. Teatro do oprimido e educação: perspectivas para as práticas escolares na atualidade. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/JosePeixotoFilho_res_int_GT1.pdf> Acesso em: 08 de jul. de 2019.

SANTOS, O. A. C. R. DOS; LAGE, A. C. Educação e saberes populares. **Revista de Educação Popular**, v. 18, n. 1, p. 209-221, 13 jun. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/46165/26160>> Acesso em: 18 de jul. de 2019

STRECK, D. R. A educação popular e a (re) construção do público. Há fogo sob as brasas? **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 272-284, 2006.

TREVISAN, J. S. **A arte/educação na perspectiva da educação popular de Paulo Freire**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Departamento de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado Rio Grande do Sul, Ijuí.

WEYH, C. B.; DUARTE, L. R.; SILVA, M. S. Participação e diálogo no caminho da educação popular. **Revista Vivências**. V. 6, n.11. P. 107-111, 2010.